

COM CUSTOS EM ALTA DESDE O INÍCIO DO ANO, MOMENTO É DE AVALIAR A COMPOSIÇÃO DO REBANHO NA PECUÁRIA LEITEIRA

O ano de 2021 segue bastante desafiador aos produtores que se dedicam à pecuária leiteira. De janeiro a junho, o Custo Operacional Efetivo (COE) da atividade acumula forte avanço de 11,49%. Essa alta é observada mesmo após o custo ter subido expressivos 23,24% ao longo de todo o ano passado. O insumo que mais vem pesando no bolso do produtor tem sido o concentrado, que se valorizou 11,34% (“média Brasil”) no primeiro semestre de 2021. Esse cenário é resultado dos elevados preços da soja e do milho que nos últimos doze meses se valorizaram 35,19% e 85,72% respectivamente, o atual cenário é resultado da forte demanda tanto no mer-

cado interno quanto externo e os baixos estoques nacionais.

Apesar do recente movimento de recuperação nos preços do leite pago ao produtor em função da entressafra, este ainda está longe de compensar o contínuo avanço nos custos de produção. De janeiro a junho a receita do produtor variou positivamente 3,52% para a “média Brasil”, cotado em R\$ 2,201/litro. Esse cenário por sua vez exige muita atenção de produtores que, na maior parte dos casos, encontram margens apertadas na atividade leiteira. Diante disso, muitos produtores se mostram preocupados quanto ao futuro da atividade (Gráfico 1).



Gráfico 1. Variação em base 100 do Preço médio do litro de Leite pago ao Produtor (média Cepea/Esalq) e do custo com concentrado por litro de leite produzido, “média Brasil” (BA, GO, MG, PR, RS, SC e SP).

Elaboração: Cepea-Esalq/USP/CNA.

Fonte: Projeto Campo Futuro – CNA/Senar; Cepea-Esalq/USP.

O cenário é mais crítico nas propriedades leiteiras menos eficientes, o que exige uma análise da produção de forma técnica e com decisões assertivas quanto a que rumo seguir. Ressalta-se que uma análise rigorosa do sistema produtivo é capaz de avaliar se os possíveis resultados insatisfatórios são reflexo das condições do mercado ou de pontos de ineficiência técnica dentro do sistema. A identificação desses pontos é fundamental para o sucesso da atividade, pois permitem ao produtor adequar sua estratégia às condições de mercado, gerando eficiência dentro da porteira e reduzindo os custos desnecessários.

Dados do Projeto Campo Futuro (CNA/Senar) mostram que dentre os gargalos nas propriedades leiteiras, alguns acabam sendo recorrentes. Um caso é a estrutura de rebanho, que muitas vezes está longe de ser a ideal, ou seja, poucos animais contribuindo com a receita e muitos apenas gerando custos, como aqueles em recria.

Em um cenário de alta nos custos de produção como o atual, propriedades com rebanhos desestruturados e menos produtivos tendem a sentir mais os efeitos em suas margens. Como consequência, tendem a in-

vestir ainda menos nas categorias de reposição, uma vez que os gastos se concentram nos animais em produção, que geram renda.

O Brasil possui uma pecuária leiteira extremamente heterogênea, apresentando, portanto, modelos distintos para recria de bezerras. Muitas propriedades típicas do Sudeste e Centro-Oeste avaliadas pelo Projeto Campo Futuro (CNA/Senar) praticam a recria de maneira extensiva, com pouca ou quase nenhuma suplementação dos animais. Nestes casos, as fases finais do crescimento e da primeira gestação desses animais jovens são realizadas em regime exclusivamente a pasto, recebendo apenas sal mineral. Soma-se a essa característica outros pontos que acabam por onerar o custo de produção e trazer ao modelo produtivo resultados de margem líquidas negativas ($\text{Margem Líquida} = \text{Receita} - \text{Custo Operacional Total} - \text{COT}$).

Por outro lado, sistemas que, além de utilizarem as pastagens fornecem suplementação aos animais de forma estratégica, conseguem obter um desenvolvimento mais rápido de suas bezerras e com isso conseguem obter matrizes produtivas mais cedo o que traz mais renda ao sistema e melhora o cenário de margens (Gráfico 2).

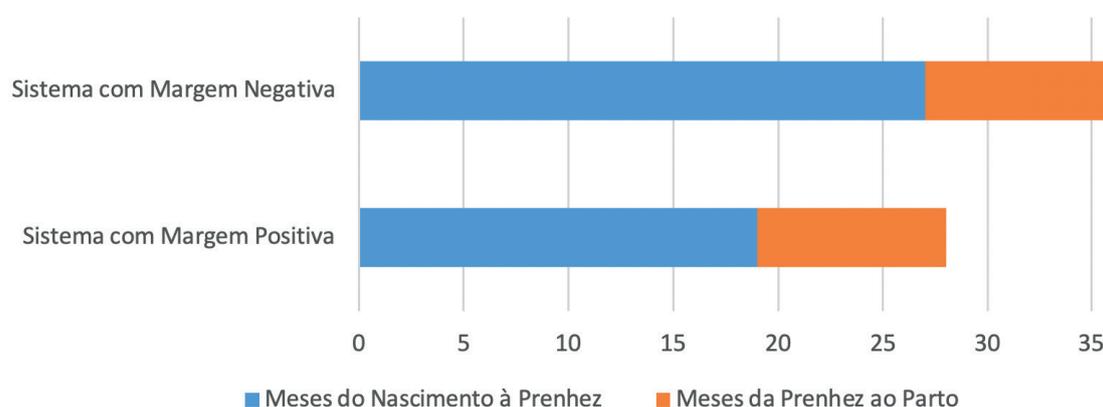


Gráfico 2. Caracterização do tempo em recria das propriedades modais do Projeto Campo Futuro – CNA/Senar de produção de leite que possuem Margem Líquida Positiva e Negativa.

Elaboração: CNA/Cepea-Esalaq/USP.

Fonte: Projeto Campo Futuro - CNA/Senar.

Como demonstrado no Gráfico 2, a diferença entre uma prenhez e outra é de nove meses, ou seja, quando a novilha do sistema que opera com margem negativa estiver parindo, a do sistema de margem positiva estará se aproximando do período final de sua primeira lactação. O ganho nesse sentido é duplo tendo em vista que o animal deixou de gerar apenas despesas e começou a contribuir gerando recursos oriundos da comercialização do leite produzido.

Os custos maiores com a nutrição e o aumento da necessidade de mão de obra na fase do nascimento à desmama que poderiam ser fatores apontados como impediti-

vos para a adoção de sistemas de recria mais intensivos deixam de ser considerado tendo em vista o reflexo nas margens da atividade.

Essa questão torna-se ainda mais crítica quando a recria das propriedades está mais “inchada”, ou seja, contém mais animais do que realmente seriam necessários para suprir a necessidade de reposição ou mesmo o planejamento de crescimento da atividade. Alguns indicadores zootécnicos das propriedades modais acompanhadas pelo Projeto Campo Futuro (CNA/Senar) também evidenciam as diferenças em termos de margens, dentre eles o percentual de animais em lactação sob o rebanho total (Gráfico 3).

JULHO/2021

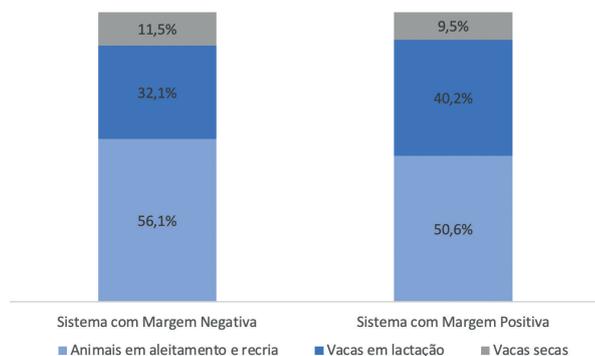


Gráfico 3. Composição do rebanho descritos nos modais de produção que operam com Margem Líquida Positiva e Negativa.

Elaboração: CNA/Cepea-Esaliq/USP.

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA/Senar.

Analisando os dois cenários de margem quanto a proporção do rebanho, nota-se que nos modais onde a margem líquida foi positiva existiam em média 40,2% de vacas em lactação em relação ao rebanho total. Por outro lado, nos modais de margem líquida negativa esse valor é de 32,1% em média, ou seja, uma proporção menor de animais gera receita em relação ao rebanho. Nas propriedades em que o período de recria é mais longo, é comum observar situação em que o produtor retenha o maior número possível de fêmeas jovens, a fim de testá-las na produção leiteira o que acaba impactando o resultado da atividade.

A retenção de todas as fêmeas é compreensível, em caso onde os trabalhos de melhoramento genético estão presentes na propriedade, mas mesmos nesses sistemas as novilhas excedentes também são uma importante fonte de receita para a propriedade leiteira. O que se nota é que a retenção de fêmeas realizada sem critérios técnicos, acaba por aumentar excessivamente os animais em fase de recria, onerando o sistema como um todo.

Diferentemente de países como Estados Unidos, o Brasil ainda tem poucas iniciativas de terceirização da recria de fêmeas, e essa pode ser uma boa solução para algumas regiões, especialmente para as propriedades que são menores e a área é um fator limitante. A terceirização consiste na transferência das bezerras para uma propriedade especializada na recria desses animais. Nesses locais os animais recebem uma dieta adequada até atingirem sua maturidade sexual e serem inseminadas, depois desse período voltam para a propriedade de origem para iniciar a vida produtiva. Para o produtor as despesas geralmente são pagas por desempenho de ganho de peso ou através mensalidade. A maior vantagem está em ter a garantia do retorno de um animal já produtivo a propriedade e o produtor poder concentrar seu tempo e seus esforços exclusivamente para os animais em produção.

4

PARCEIROS



O projeto Campo Futuro é executado pela CNA em parceria com o SENAR e o Cepea/USP. Reprodução permitida desde que citada a fonte.